NOVOS FILMES

RAONI

Era uma vez um país enorme — todo o mundo conhecido — habitado por povos de muitas nações. Já se perdeu a memória do tempo em que os alienígenas chegaram, mas por toda parte há marcas de sua passagem. Diante deles não há resistência possível. Cientes disso, os homens se refugiaram nos fundos das matas, esqueceram suas inimizades, partilharam da caça e dos rios que sobraram. Nesse tempo, já não havia para onde fugir. As máquinas dos invasores rondavam a fronteira do último território. O que fazer? Na vida cotidiana, festeja-se como sempre a alegria de ainda existir. Mas, diante do fim, alguns pensam em morrer lutando, as mulheres pretendem não ter mais filhos. Um líder admirável reúne todas as nações e parte para negociar com os invasores.

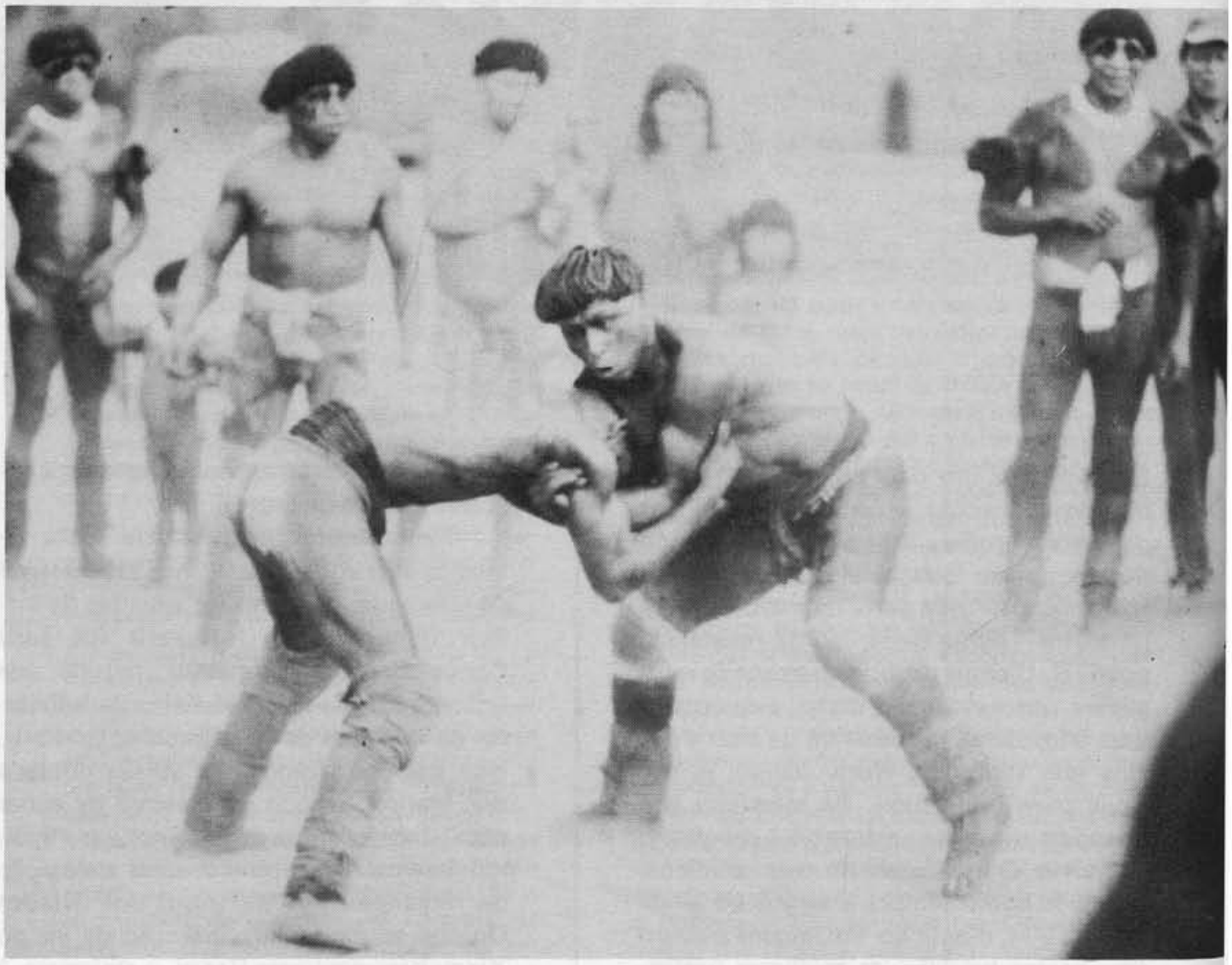
Raoni é um documentário sobre índios brasileiros. Obteve, no VII Festival de Gramado, este ano, os prêmios de melhor filme, melhor fotografia (de Luiz Carlos Saldanha), melhor música (de Egberto Gismonti). Foi êxito de bilheteria nos cinemas da Rive-Gauche, em Paris. Nos Estados Unidos, em versão dublada por Marlon Brando e acrescida de cenas com índios norte-americanos, motivou movimentos de opinião: uma delegação de remanescentes de tribos dos Estados Unidos anunciou sua intenção de vir ao Xingu para conhecer Raoni, o emissário, e o que resta de sua nação mekronoti.

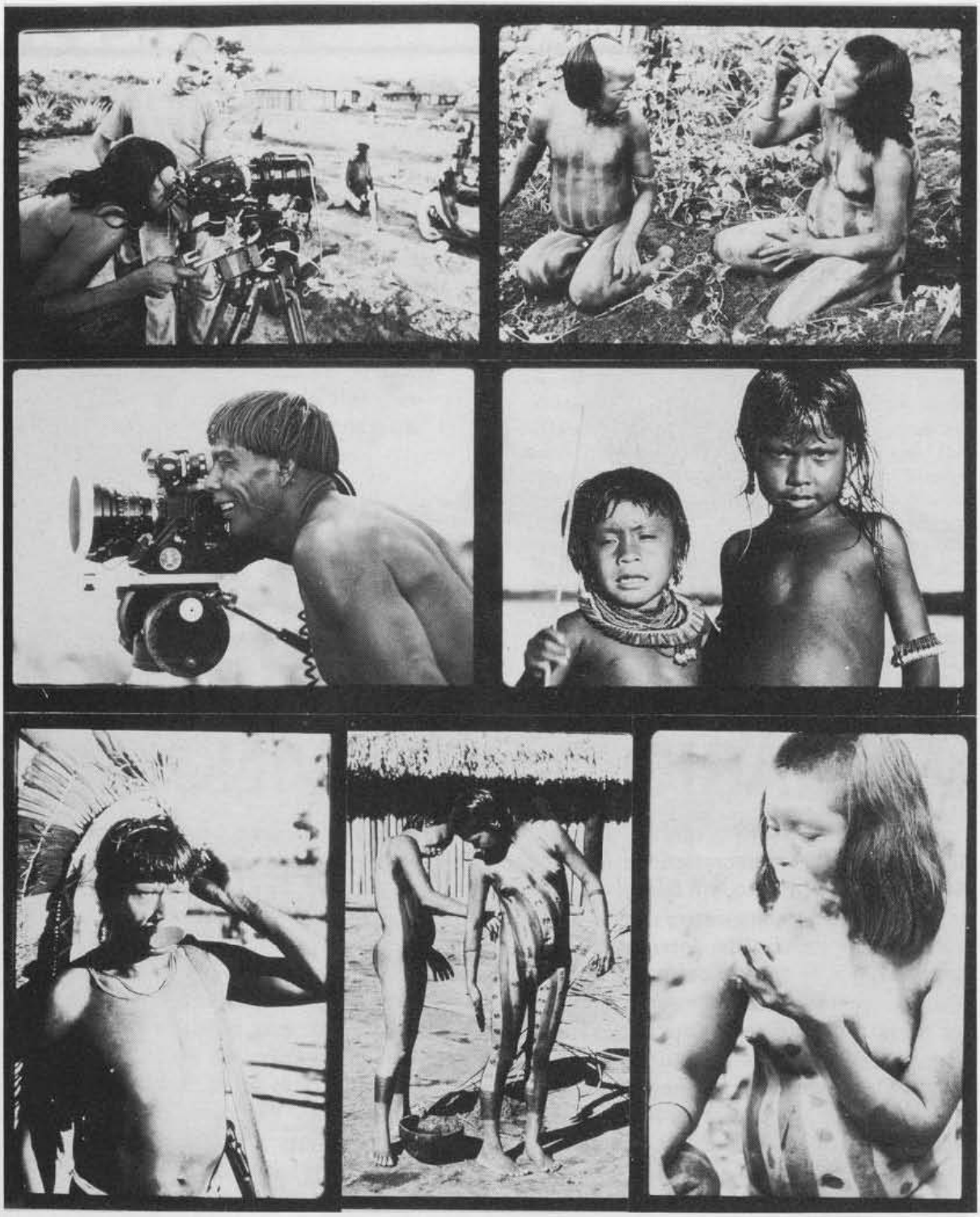
A cena inicial do filme mostra a captura do único ator, Clive King: a ficção dura cinco minutos. O documentário etnográfico dos hábitos da tribo ocupa uma extensa parte, marcada pelo debate entre os índios sobre o que fazer ante a iminente invasão branca. As cenas são de 1976. Na terceira parte, *Raoni* parte ao encontro do Presidente da Funai, General Ismarth de Oliveira, e visita, em São Paulo, Cláudio Villas-Boas. Os dois juntos percorrem a cidade e, nos subúrbios, encontam-se com índios guaranis aculturados.

Raoni, segundo os membros da equipe de cineastas, é uma pessoa impressionante. Barry Williams, responsável pelo som direto, conta que muito rapidamente ele percebeu para que servia a aparelhagem e, ao serem rodadas as cenas, participava do teste dos microfones, perguntando "está bom?" antes de iniciar suas falas. Mergulhado num universo tão estranho, o índio faz declarações surpreendentes, que comoveram tanto o público de Gramado quanto os espectadores estrangeiros e os chefes da nação Xavante, que, numa exibição em Brasília, assistiram ao filme. Diz, por exemplo:

— Tem índio também na América do Norte. Eles estão brigando pela terra deles. É muito bom para nós. Os brancos querem acabar com a gente. Nós vamos brigar todos juntos. Eles são índios, eu também. Sou Raoni, índio mekronoti.

Mas outras figuras notáveis do mundo indígena aparecem também no filme. Min, chefe de guerra , propõe, a certa altura, em idioma gê (que os cineastas não





conheciam, mas seus gravadores registraram) que a guerra contra os brancos começasse logo por aquele grupo de intrusos que lá estava. E Aritana, chefe cajabi, proclama:

— Eu não quero perder os meus costumes. O importante é que o índio se mantenha índio.

Direção, Argumento e *Roteiro:* Jean Pierre Dutilleux e Luiz Carlos Saldanha. *Fotografia:* Luiz Carlos Saldanha. *Som direto:* Barry Williams. *Montagem:* Vera Freire. *Música:* Egberto Gismonti. *Narração:* Paulo César Pereio. *Elenco:* Clive Kelly. Participações de Raoni, Aritana, Min e nações indígenas do Parque do Xingu. *Produção:* Pierre Louis Saguez Produções Cinematográficas. Brasil-França, 1978.

Rodrigo Santiago e Berta Zemel.

DIÁRIO DA PROVÍNCIA

O período histórico que vai da crise do café, em 1929, à decretação do Estado Novo, em 1937, é visto, em *Diário da Província,* a partir da perspectiva da luta pelo poder numa cidade do interior. Numa época em que as grandes correntes de opinião descobriam o radicalismo dos símbolos mágicos — a foice e o martelo, a suástica, o sigma integralista — o protagonista, Acácio Figueira (José Lewgoy), percorre todas as posições capazes de render prestígio: ao sabor dos rumos incertos da política, é seguidamente republicano, libertador, democrata, constitucionalista, integralista. Seu lema é "mudar para permanecer"; sua definição de política inclui inevitavelmente cinismo, barganha e despudor.

A história de Acácio é contraposta à de um jornalista incorruptível (Gianfrancesco Guarnieri) que procura desmontar as suas tramas. Em outro plano, uma Família da aristocracia do café (o filme passa-se em São Paulo) opõe-se na trama narrativa a outro grupo familiar, de imigrantes, que tenta ascender socialmente.

Em sua apresentação no Festival de Gramado, o filme de Roberto Palmari despertou polêmicas, que refletiram diferentes enfoques do papel dos políticos e da imprensa na vida brasileira da época e de hoje. Por isso, o crítico Ivo Stigger, do *Correio do Povo,* de Porto Alegre, abriu seu comentário sobre *Diário da Província* com a frase "Perdoem, mas gostei" e escreveu adiante: "Perdendo em densidade humana mas ganhando em força alegórica, o filme é painel, senão revelador, documental da história brasileira".

Direção, Argumento e *Roteiro:* Roberto Palmari. *Fotografia:* Geraldo Gabriel. *Cenografia:* Cecília V. de Azevedo. *Figurinos:* Beatriz Gardumi. *Música:* Heitor Villa-Lobos. *Elenco:* José Lewgoy, Átila Iório, Gianfrancesco Guarnieri, Paula Ribeiro, Berta Zammel, Oswaldo Campozana, Rodrigo Santiago, Beatriz Segall, Beatriz Gardumi. *Produtor:* Roberto Palmari. *Produtores associados:* Topázio Cinematográfica, Lynxfilm e Cecília Vicente de Azevedo. Brasil, 1978.

AS FILHAS DO FOGO

As Filhas do Fogo, de Walter Hugo Khouri, ambienta na cidade de Gramado e em sua vizinha, Canela, uma história fantástica inspirada em cultos e ritos da tradição alemã. Dois forasteiros — uma jovem e um andarilho — rompem o equilíbrio da vida em uma mansão serrana do Rio Grande do Sul, conduzindo a uma investigação no campo dos fenômenos paranormais.

O roteiro, baseado em artigos contemporâneos que tratam do sobrenatural, inclui instantes eróticos, o cientificismo de aparelhagens eletrônicas utilizadas no acompanhamento de fenômenos parapiscológicos e as questões existenciais de cinco mulheres — uma delas espectro que assombra as demais.

A exemplo de *O Anjo da Noite* e *As Deusas*, Walter Hugo Khouri, o diretor, busca um "clima cinematográfico" que mistura elementos reais e fantásticos na construção do clímax final — uma alegoria que simboliza, no aprisionamento da mansão por folhagens que crescem desmesuradamente, a cessação do tempo e o enigma da eternidade.

As Filhas do Fogo foi apresentado *hors concours* na noite de encerramento do VII Festival do Cinema de Gramado, a convite da Comissão Coordenadora.

Direção, Argumento e *Roteiro:* Walter Hugo Khouri. Baseado em artigos publicados na revista *Planeta*. *Fotografia:* Geraldo Gabriel. *Cenografia:* Marcus Weinstock. *Câmera:* Rupert Khouri. *Montagem:* João Ramiro Mello. *Música:* Rogério Duprat. *Diretora de Produção:* Yara Nesti. *Produtor:* César Mêmolo Jr.. *Elenco:* Paola Morra (Diana), Karin Rodrigues (Dagmar), Rosina Malbouisson (Ana), Maria Rosa (Mariana), Serafim Gonzales (forasteiro), Selma Egrei (Sílvia), Maria Husemann (tia Gertrudes), Helmut Hosse (mordomo), Karin Haas (costureira), Rudolf Machalowsky (caseiro). *Produção:* Lynxfilm e Editora Três. Brasil, 1978.

Paola Morra e Selma Egrei.

CONTOS ERÓTICOS

Em 1967, César Mêmolo Jr. resolveu submeter 30 contos eróticos à escolha de quatro diretores de cinema. As histórias haviam sido enviadas por seus autores à revista *Status,* que promovia um concurso nacional de narrativas do gênero. Roberto Santos, Roberto Palmari, Eduardo Escorel e Joaquim Pedro de Andrade fizeram suas escolhas, baseando-se numa espécie de ajuste à própria personalidade, e daí nasceu um longa-metragem em quatro partes, *Contos Eróticos.*

O conteúdo das histórias varia bastante. Na primeira delas, *Arroz e Feijão,* de Sérgio Toni, escolhida por Roberto Santos, um adolescente (Cássio Martins) é iniciado no amor pela prima (Joana Fomm). No segundo conto, *As Três Virgens,* de Yara Ramos Ribeiro, uma garota (Paula Ribeiro) é posta de castigo pelo pai, que a entrega à guarda de três tias septuagenárias; dirige Roberto Palmari. Eduardo Escorel decidiu-se por *Arremate,* de Laércio Consolin, que se passa no interior e conta a história de uma moça (Lisa Vieira) dada em pagamento a um fazendeiro (Lima Duarte).

Mas é a quarta história, escrita por Pedro Maia Soares e dirigida por Joaquim Pedro, que tem provocado maior celeuma. *Vereda Tropical* é a estranha fábula de um professor universitário (Carlos Cavalcanti) cujo erotismo se volta para a volúpia dos hortigranjeiros, a ponto de fazê-lo sofrer, por exemplo, nas entressafras das melancias.

Segundo o produtor Mêmolo Jr., o filme que resultou do agrupamento dos quatro contos é muito erótico, porém não é pornográfico e menos ainda chanchada. O último episódio foi interditado pela Censura.

Direção e *Roteiro:* Roberto Santos, Roberto Palmari, Eduardo Escorel e Joaquim Pedro de Andrade. Quatro episódios baseados nos contos *Arroz e Feijão* (Sérgio Toni), *As Três Virgens* (Yara Ramos Ribeiro), *O Arremate* (Laércio F. Consolin) e *Vereda Tropical* (Pedro Maia Soares). *Fotografia:* Marcelo Primavera, Geraldo Gabriel, Miguel Parente e Kimihiko Kato. *Cenografia* e *Figurinos:* Marcus Weinstock, Cecília V. de Azevedo, Anísio Medeiros e Pedro Nanni. *Montagem:* Carlos Veras, Sílvio Mattos, Gilberto Santeiro e Eduardo Escorel. *Elenco:* Joana Fomm, David José, Carmem Silva, Lima Duarte, Liza Vieira, Castro Gonzaga, Cláudio Cavalcanti, Cristina Aché, Carlos Galhardo. *Produtor:* César Mêmolo Jr.. *Produção:* Lynxfilm e Editora Três. Brasil, 1978.

Maria Anita Shut (As Três Virgens).